

COLEÇÃO

VOL 04

**VOCÊ
GOSTA
DE
POESIA?**

LÍVIA ESMERALDA VARGAS-GONZÁLEZ

AMEOPOEMA

AMEOPOEMA

1^o PRÊMIO

x xxxx xxx xxx xxxx

AMEOPOEMA
DE
POESIA

Lívia Esmeralda Vargas-González

COLEÇÃO
VOL 04

**VOCÊ
GOSTA
DE
POESIA?**

AMEPOEMA
Ouro Preto 2021

A reprodução/divulgação/leitura em público deste livro, para qualquer fim, começo ou meio é totalmente incentivada. Cite o autor e a fonte.

Capa: Rômulo Ferreira | @studiob2mr
Revisão: Autora
Revisão Final: Ropre Alessandra
Impressão: AMEOPPOEMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vargas-González, Livia Esmeralda
Coleção você gosta de poesia? : vol. 4 / Livia
Esmeralda Vargas-González. -- Ouro Preto, MG : Ed. da
Autora : Stúdio b2mr, 2021. -- (Série AMEOPPOEMA)

ISBN 978-65-00-33812-6

1. Poesia brasileira I. Título. II. Série.

21-87951

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

@todos os direitos reservados a autora

*Este livro foi impresso com recursos da Lei Aldir Blanc - MG,
sendo o seu título original: "Fantasmagorias da trama".*

Sumário

Poesia como acontecimento	8
Apresentação	11

TRAVESSA

Portal.....	20
Fotografia (1998).....	21
Por trás da porta	22
Tiradentes	23
O que vai para além	24
Contraponto.....	25

TREPA

Noite de bulevar	27
Amor de água	28
Beijo no sorriso	29
Exorcismo	30
Abrem-se	31

TRAMA

Pós-data para ti, poeta	33
Gritos	34
Lá vão as folhas	35
Calendário	36

TREME

Mira	38
Corpo	39
Despedir a nostalgia	40
Forte	41

FANTASMAGORIAS COM IDA

A triste pequenez do mundo.....	43
Espectro atado	44
Sem umidade	45
Aprender a ser fantasma	46
Entre espejos e espectros	47
Biografia	49
Sobre o Prêmio AMEOPoEMA	50

Poesia como acontecimento

Lívia Vargas me apareceu pela primeira vez na papelada da burocracia de candidata ao doutorado em História. Era um nome e uma proposta de doutoramento. A primeira vez que de fato vi Lívia, ela cantava na casa de um colega. Já havíamos nos falado, conversado um pouco depois de sua chegada. Mas naquela voz e dicção própria de “cantante”, a tonalidade que só o espanhol pode dar à música, naquela voz eu reconhecia mais do que a estudante venezuelana quase de nossa idade.

Naquela voz havia um acontecimento singular porque meu encantamento por seu jeito de cantar prenunciava a amizade que construímos juntos e parece tão antiga embora cronologicamente curta. Foi um acontecimento aquela tarde. O poder do acontecimento é conjurar o tempo, todo o tempo passado e futuro. Então, nossa amizade que começava na admiração por aquela voz a soar canções com acento próprio já era mais velha do que nós mesmos. E mais duradoura também do que nós mesmos. Seria impossível falar um pouco da poesia de Lívia sem evocar essa lembrança. Uma arte de viver implica o reconhecimento desses eventos como tempo de criação. Cada amizade é, nesse sentido, uma obra de arte. Uma poética da existência se realiza para quem sabe ver esses momentos quando simplesmente acontecem ou quando cuidadosamente desenhamos cada passo de uma tarde, manhã ou noite juntos. A poesia propriamente, desconfio, é a linguagem que nos ensina a ver a potência dos acontecimentos fraternais.

Então, tempos depois dos primeiros encontros e camaradagens, descubro, nada espantado, que Lívia Vargas também é poeta. Além de cantora, filósofa e historiadora do

acontecimento – o Caracazo no qual se enreda há tempos –, Lívía é poeta. Tenho a sorte de ter dois amigos poetas, Lívía e Adriano Menezes, quem de fato tinha estatura e conhecimento para apresentar outra poeta. Sou um substituto ignorante para a tarefa de apresentar a Lívía poeta. Tomo o atalho de historiador para pensar a poesia como acontecimento. Um acontecimento que demora. É despertado por uma imagem, um gesto, um acontecimento brutal, como um homem a catar lixo no Rio de Janeiro, coisas do mundo ordinário que passariam corridas para o esquecimento – já como pensamento, o poema comunica outras memórias, sons, silêncios, impressões. Uma vez acontecido primeiramente, acontece mais uma vez a cada começo da escrita e lapidação pertinaz em alguns casos, processo no qual se exerce o diálogo com as formas, a tradição, o próprio estilo – já como palavra escrita, a poesia religa tempos e línguas distintas, outras dicções, maneiras passadas das formas do pensar em palavra. Acontece muitas vezes mais quando é lido, na hora múltipla em que o acontecimento gera outros acontecimentos, conjuga espaços, movimenta outros tempos.

No caso desse poemário de Lívía Vargas, é possível identificar esses deslocamentos e conjugações de tempos, espaços, eventos, inventariando certas precipitações (modulações do acontecimento? tipologias?) da vida que se decantam em palavra. Acontecimentos pedestres, como em Portal. Nele, como em outros poemas, a deriva por uma cidade leva a outra cidade, a outros passos fazendo lugares e a outra língua – quem em português escreveria tão facilmente “páramo”? Pretéritos são conjurados no instante em que se olha, e conta-se desse olhar, o instantâneo em Fotografia (1998). Acontecimentos como a traição (traduzir é trair) de

quem transita entre idiomas, pois Lívia deixa marcas do espanhol – palavras, acentos errados, pontuação e sintaxe – quando verte os poemas em português (Exorcismo, Contraponto, O que vai para além?, os “soles cirúrgicos” de Por trás da porta). Acontecimentos de morte ou encantamento de pessoas amadas: “Totonho trouxe uma décima pra cantar sua viagem / Totonho deixou cantos de sirena para jogar fogo no choro / e torná-lo chuva”. Acontecimentos de amor como em Calendário e também em Abrem-se. Acontecimentos sensoriais nos poemas Corpo, Despedir a nostalgia e Forte. Acontecimentos espectrais nos poemas Mira no qual o fantasma seria o próprio reflexo, esse outro que nos olha desde a fria superfície. Fantasmas, espectros, acontecimentos transcendentais em Aprender a ser fantasma e todos os demais poemas da última seção do livro.

Com esses textos, além de já saber pensar o acontecimento como filósofa e historiadora, Lívia Vargas faz acontecer, cria eventos que rompem a palidez e o tédio do mundo, e sua violência se suspende para que outras vozes sejam ouvidas – num registro caro a mim e a ela, e a tantos outros amigos idos e presentes, o acontecimento histórico é essa instância afinal. Só o poema e a canção, ou a música, podem com a variedade da história ordinária e as vertigens da temporalidade, seus tons simultâneos, enviesados, ritmos dissonantes que compõem a corda do mundo. A poesia é que toca essa corda, nada mais pode. Lívia Vargas é poeta.

Marcelo Santos de Abreu

Apresentação

Poemas para honrar os meus espectros

Se o Adriano estivesse aqui, com certeza ele estaria na torcida por minha poesia ser reconhecida no 1º Prêmio de Poesia Ameopoema. Ele, quem sempre acompanhou minhas brincadeiras poéticas e me empolgou para continuar me jogando nessas águas; ele foi um dos que me animou confiar no meu jeito nesse jogo. Na verdade, esse prêmio era para ser do Adriano, sim senhor, era para ser de Adriano Menezes, esse poeta mineiro que desgastou as solas dos seus sapatos pregoando sua poesia nas ruas, cantos e botecos ouropretanos. Pelo menos eu teria ficado entre os cinco ganhadores e, com isso, teria tido a honra e a alegria de compartilhar, junto com o meu amigo poeta, a maravilhosa experiência de enlaçar, mais um pouco, os fios da nossa América.

Há turbilhões silenciosos escondidos por trás do peito que recolhem velhas dores. Eles trazem à tona poeiras subterrâneas quando explodem nas asfixias de situações limites, de quebra, de desgarro. E a poesia está ali, perto, aguardando para recriar a poeira e jogá-la em ritmos, palavras, imagens. Não foi por acaso, pois, que a minha compulsão poética surgisse aproximadamente há três anos, depois da minha volta para o Brasil, quando as distâncias se fizeram espanto, impotência e, também, oportunidade.

Testemunhar, na distância, a catástrofe no meu país, bem como a teimosia pela vida dos que ficaram lá. A necessidade de cuidar dos meus afetos e a impossibilidade de cuidá-los do jeito preciso. O colo dos meus afetos brasileiros, sempre aí, mandando gestos. A vulnerabilidade de quem se abre a ser atravessada pela vida e pelo mundo... Enfim...

Um livro de Drummond de Andrade que eu ganhara dos meus amigos Mônica, Erick e Luiza, foi o detonador dessa descoberta poética que, a partir de então, me acompanha e me ancora no mundo e que, muitas das vezes, se manifesta de uma forma compulsiva e rebelde. Nelas recrio a experiência de ser migrante... e brinco. As palavras e suas impossibilidades me dão sinais para esse jogo em que o português me mostrara rastros das minhas raízes e me acolhera se enredando com meu espanhol caraquenho e malandro.

Vários dos poemas que fazem parte deste *poemário* são tijolos emprestados de outros *poe-lares*, alguns escritos em língua espanhola. Portanto, são poemas que alimentam este ninho, mas também aguardam serem mostrados nas tramas e cantos daqueles outros.

Muitos fantasmas assombram as palavras deste *poemário*. Muitas perdas, possibilidades suspensas, experiências vividas e fechadas na fatalidade do finito transitam, percorrem e descansam nas imagens às quais convida minha escrita. Eles são, pois, doadores e herdeiros do que estas páginas contêm.

Livia Esmeralda Vargas-González
Ouro Preto-MG, 08 de outubro de 2021

*Àqueles afetos que desde o ano passado
já não nos acompanham neste mundo:
Ao Adriano Menezes, poeta das tramas nossa-americanas
Ao Totonho, mestre do ritmo, o tambor e a madeira.
Ao meu tio Rafael Segundo.
Sou grata por receber, à distância, a tua última despedida.
À Coromoto, a prima doce.*

*Às minhas ancestrais.
Essas que, espectrais, sempre me acompanham:
minha mãe, minha avó, minha tia Sol, minha tia Mora.*

Enfim, aos meus espectros.



“O sol ao nascer penetra no segredo daquilo cujo nome está
esquecido. Esquecido! Mas, se perguntassem para as pedrinhas
rodadas, elas saberiam gritá-lo da mesma forma
que o ar que guarda tudo”.

Enrique Bernardo Núñez, Cubagua (1931).

Travessa

PORTAL

Tem ruas que são universais
Elas resguardam a linguagem secreta
dos passos
das sombras das luzes
do frio do calor.

ruas daqui ruas de lá ruas sem sítio
ruas de todos os sítios de qualquer sítio
ruas de outros dias
ruas portais
pontes para outros tempos
outros espaços
outros suores
outros ventos.

Vejo tuas fachadas coloniais
com o mesmo cheiro a aneto e a páramo
andando as mesmas pegadas.

FOTOGRAFIA (1998)

Suores de víscera e injustiça
dançam o festim dos rostos disformes.
A lua veste-se com o véu dos dias
o sol sacode seus espectros
e caem como naipes as bondades.

A vingança esfrega
o cuspe descortês e ressentido.
Assedia fantasmas
adorna romances de preto
congela delírios.

Os olhos apagam-se
os fluídos deslizam.

O corpo descansa
as mucosidades brotam.

As casas jazem em ruínas
e a fotografia editada aguarda.

POR TRÁS DA PORTA

A porta nos aguarda
no contratempo das cornetas e dos tropeções
Fronteira de uma cidade que fede a cinza e *bala fría*
a saliva no pescoço e Daniel Santos.

As pessoas aglomeram-se em vitrinas sedutoras
carniceiros de mercadoria barata e preço justo.
Sabem-se o ofego e a presa
mexida e alerta.
Lobos que farejam em corridas de cem metros e
[desespero.

Aguardamos na porta.
Por trás, o espaço se anuncia
nesta tarde de soles cirúrgicos e fachadas desgastadas
Ali a tristeza me aguarda
abertos seus braços para o consolo.

TIRADENTES

O espírito sabatino me acorda
com vontade de bordões e bandolas.
Libero meu corpo do peso dos cobertores
e vou até o cumprimento de um bem-te-vi
[que canta
para além do falso marco de uma janela improvisada.

Lá embaixo o café me aguarda
com reminiscências de planície e serra.
Pego o telefone cubro a minha boca
disponho meus óculos pisando na máscara
[que me protege do mundo.
Dessa forma os vapores não vazam meus passos

Salgo Ando Caminho Respiro
pés que se agarram ao relevo de pedras
[com cheiros de trabalho escravo.
pele que se perde no lamento de savana de Angel
[Custódio cantando a morte do Quirpa

Lá encima O CENTRO
coroando uma cidade que se esparrama
em ruas de vertigem
e onde todos os caminhos levam a Tiradentes.

O QUE VAI PARA ALÉM

Isso que vai para além

domínio base sin-taxa em-taxi um-taxi
[un-tarse.

Isso que vai para além

órgão verme flor beija-flor flor-esta
lama travessa terra.

Isso que vai para além

número forma ver-bo ver-com si(e)m-ver
lupa pergaminho bisturi.

Isso que vai para além

semente fluxo entr-ega entr-e entr-ada
pele frente fronteira.

Para além

O que vai para além? O que vai para cá
vai para cá para cá cá aquém.

Désde?

sem lugar em lugar com lugar
cá lá vá.

Não mais com isso
partícula tudo éter.

Hácia?

agora nunca ontem
instante sempre depois.

Se foi Não foi.

CONTRAPONTO

Contraponto

Um monstro dorme

e não sabemos.

Um monstro dorme

aguardamos.

Um monstro dorme

aguentamos.

Um monstro dorme

arrulhamos.

Um monstro dorme

respiramos.

Um monstro dorme

e arrebentamos a paciência

o tédio

a camisa de força

a relutância.

Um monstro dorme

e espantamos o pó

o peso catatônico

gaiolas de ratos condicionados.

Arrebenta a corda

E o coro seco vai tecendo morros.

Trepa

NOITE DE BULEVAR

Os olhares se cruzam
nesta noite de bulevar.

Contatos discretos
calor, risos, passos, álcool, salsa
ritmos dionisíacos
e palavras anônimas

Troca de balas e de olhares
o azeviche pisca o olho para nós
Olhamos um para o outro
dançamos

suamos

arriscamos

Sáimos do cálido refúgio de multidões fedorentas
[a salivas e suores
e um abraço de cinzas gélidos nos recebe.

AMOR DE ÁGUA

Respiros e corpos se acoplam
ritmos de água e maré.
ritmos de rio e balsa.

E aí estamos, você e eu,
no centro de um lago tranquilo,
sentindo o golpe de água em canoa
balançando os nossos desejos.

BEIJO NO SORRISO

Peito aberto alma nua
os lábios beijam-se no sorriso
os olhares abraçam-se
 atingem-se
 marcam-se
 mordem-se

E a vida brota na água sedenta
 de pedras e de verdes
 na descabelada entrega
 nos suores que banham dias
 na lavoura cotidiana dos afetos.

EXORCISMO

Te devorei
te tive
te delicieei
te degustei

recepções, golpe, vaivém, quadril

de meus lábios
uma oferenda

Expiar as sombras que ulceram minha boca violentada
celebro o amor vintage e calouro
que recebeu o gosto de manga doce
de uns lábios sem história

Meus fantasmas concorrem ao encontro
eu os vejo brindar sua despedida

Exorcizo meu passado

Saúde, senhores!

ABREM-SE

Ao prazer.

Abrem-se

Abrem-se o peito e a garganta

no grito sagrado das entranhas

vórtice que explode na abertura da virilha

no monte verde espalhado em minhas coxas

Abrem-se

Abrem-se o tempo

a carne

a fome

Abrem-se

Abre-se a vida

Trama

PÓS-DATA PARA TI, POETA

Para o Adriano Menezes

¿Dé que manera te escribo, poeta?
Hoy no sabría narrar los puntos
que tejimos
en este lienzo incompleto que ahora llevo sobre mis
[manos.

Os fios dispersos procuram
lembranças invasoras
de encontros suspensos.

Como eu te escrevo agora, poeta?
Como eu te escrevo?
Me responda, me mande uma dica, me anime um pouco
[para fazer poesia.
Como eu crio agora os versos desta pós-data indesejada
com cheiro de sal e de vazio?
Com quem eu traço agora o nosso portunhol de cantos
[e aquarelas?

Como eu faço para te cantar, poeta
sin tu mirada entusiasta y cautiva?
Para quem canto eu agora esse Caribe meu
que sempre animou a tua alma latina?
Cante comigo, Adriano, cante comigo
enquanto bebemos uma cerveja
Vamos cantar, Adriano!
“Yo pisaré las calles nuevamente...”
enquanto o nosso portunhol transite as ruas da nossa
[América.

GRITOS

Chega o grito em tormenta desde o céu do Pacífico
Grito ardido de vidas que se apagam no fogo
Grito cinza grito laranja
Grito em desbandada e desespero.
Alaridos de lama e de espanto
tiram glitter no meu sossego.
Cobrem-me de brasa
multiplicam cicatrizes derretem o tempo.

Chega o grito desde Oriente
[com seus fogos de artifício
Grito de guerra e desafio
Grito telúrico com herança de sangue e de ruínas
Grito de mães que colecionam vestígios e horrores
Grito que oprime meu útero meu peito meus seios.

Têm-nos deixado este inferno vestido
em caixinhas douradas e promessas.
Têm-nos deixado este inferno de arranha-céus laranja
e cinzas de agonia.
Têm-nos deixado este inferno apocalíptico aqui e agora
e talvez para além.

LÁ VÃO AS FOLHAS

Ao Totonho

Totonho levava o sorriso aderido ao coro e às cordas.
Com suas mãos

calosas pelo ritmo
Repartia heranças e memórias
olhar ancião
Semeava o repique nas esquinas
olhar ardente
Circulava nos fluxos de um santo
que dança nos seus lençóis
pulsa a madeira
e tem cheiro de café.

O vento anima as florestas
As folhas desenham estelas na queda.
Totonho piscou o olho para mim
e despediu-se na folha desprendida daquele ipê
vestido de nazareno em primavera
Totonho trouxe uma décima pra cantar sua viagem
Totonho deixou cantos de sirena para jogar fogo no choro
e torná-lo chuva
e às vezes plantio e às vezes canto e às vezes tambor
e às vezes também a vida.

CALENDÁRIO

Meu peito se abraça a teus olhinhos
na queda de meus seios
desmentindo as planícies
de um ventre que foi vulcão e foi abrigo
refúgio transitório
preâmbulo de tua aurora.

E teu voo se perde
desse olhar alheio e sem ar
que se alimenta com pedacinhos
de vivências pixeladas.

Um a um eu disponho-os
no lençol aberto
que aconchega minhas horas
meus dias
minhas saudades.

Há quatro calendários
que o sopro das velas
chega até minha porta
num envelope de correio
que eu guardo entre minhas mãos
para as lembranças não fugirem de mim.

Treme

MIRA

O que olha esse olhar que me olha?
Repudio a nudez inevitável nesses olhos que me engolem
e manuseiam silêncios.
Resguardo meu peito e suas memórias.
Escondo o rosto por trás do manto dos desafios indispostos
que fecham os véus desta curiosidade sigilosa.
E esse olhar que me olha
atravessa minhas dúvidas de brechó e de leilão.
E esse olhar que me olha
esfrega-se de juízos sem delito
de fantasmas de bacanal e de desertos
de dores e Candy Candy e Délia Fiallo.

Olhar ausente Olhar na tela
Olhar por trás do espelho e das promessas.
Olha bem para mim, você, olhar que me olha.
Olha bem para mim, hoje,
que vou atingir teus olhos
[com minhas mãos de espinho e fogo.
Olha bem para mim, sim,
que talvez amanhã, eu já não te veja.

CORPO

Hoje sinto-me como o dia chuvoso e cinza
que se debruça pela varanda do meu quarto.
Tenho os pés desnudos e expostos
Recebendo o ar frio deste inverno
que se abriga em solidões e distâncias.
Frio de inverno que percorre
as trepadeiras nervosas
deste corpo agoniado em dores.
Anestésico na derme fronteiraça que eu sou.

Estendo estas mãos de angústia
que se prolongam até silhuetas inapreensíveis.
Meus dedos fecham o punho tentando capturar
faíscas de júbilo
enquanto a carne de minha palma esquerda
torna-se lençol e fundo no traço incerto
de uma gota vermelha.

Sou este corpo atravessado
por dores e euforias
jogado às águas de experiências narcóticas.

DESPEDIR A NOSTALGIA

Despedir a nostalgia
e banhar-se em água fresca
abraçar a terra húmida aderida a meus passos
e beber a aurora
e suar o dia...
e estar

Soltar soltar soltar
gozar a vertigem até o orgasmo
Deixar cair
bater o vento
dançar o cabelo

Fogos que ficam para trás
que fogem minhas costas
tensionam minha nuca
pincelam meu pescoço ...
e existir

Sacudir pactos de rum vintage e vinho tinto
Saborear a frescura de fruta madura...
e viver

FORTE

FORTE...FORTE...FORTE... quase nunca.
E guardo minhas fraquezas nesta pele de sal e de
[optimismos arquivados
que fede a queda fede a álcool fede a endorfina
e fede a medo
enquanto minhas pernas engordam
com peso de quarentena e travessia.

Vejo este corpo que existo corpo que sinto
[corpo que penso
ando corro falo choro rio canto
corpo que gozo.

Vejo este corpo ninho
corpo amante corpo trincheira
corpo que se enreda na intimidade de outros corpos
corpo que dança outros corpos
corpo que chora outros corpos.

Vejo este corpo que eu sou...
Este corpo que agora segue o percurso de minhas mãos.
Corpo que treme de medo e grita seus próprios espantos...
na frieza de sua fortaleza.

Fantasmagorias com Ida

À poetisa venezuelana, Ida Gramcko

A TRISTE PEQUENEZ DO MUNDO

Dissolves os limites nos que desborda teu choro
e explodem tuas angústias

o delírio excede os nomes e recipientes
que desenham a estreiteza de teu corpo gratuito
material
envolvido na fetidez do tempo

Das dores que transitam teu sangue
fervem correntes telúricas.

Que triste é a pequenez do peito impotente
que guarda teu grito insatisfeito
inaudível perante um mundo insuficiente
condenado às paredes mofadas de minúsculas alcovas.

ESPECTRO ATADO

chorava nos asilos que me abraçam
e apertam o tórax
 espancado
por tanto fôlego sequestrado.

Mãos sugam minha seiva
que brota em lágrimas
de nostalgias e retratos.

No final dos retornos
o gemido tende-se
 translúcido
nos refúgios
do abandono.

SEM UMIDADE

Você se quer seca
para um anjo sem gestos
Pele que aguarda o passo da formiga.

Você se quer com olhos de vidro
fedorenta a peixe fresco
Espectro arrancado dos dias
e do tempo

Você se quer fantasma calmo
sem queixas nem raivas
Garganta silente preparada para o anjo de trevas
que enganara a tua ternura.

Você se quer morta
Você se quer nada
Você se quer seca

E ainda assim implora
o retorno do espectro que te viste
do frio vazio do naufrágio.

APRENDER A SER FANTASMA

Aprendo a ser fantasma
no choro disforme e monstruoso
que quebra os limites das texturas.

Chorei, sim. Chorei.
Farei da dor o chumbo que me ancora à terra
e que me espalha em estalos de minúsculas tristezas.

Sofrerei, sim. Sofrerei.
Abraçarei as renúncias para não te importunar o milagre
de sonhar com você entre delírios
[de vermes e sudários.

Calarei, sim. Calarei.
E me dê licença, anjo do desdenho
para calar o encontro desprevenido
entre mares de brumas e espumas.

Para aprender a ser fantasma
apenas precisa-se bater os ossos
que deixaram de me sustentar.

ENTRE ESPEJOS E ESPECTROS

La mirada sigue os fios
que te envolvem num turbilhão
de folhas

ventiscas

e espinhos

Me encuentro entre los espejos que transparentan
tus terrores

me convidando ao brinde

com a multidão que te habita

que te niega el silencio

y que te importuna en el asombro pendular
de Sísifo

Livia Esmeralda Vargas-González

(Caracas-Venezuela, 1977): Mãe do Aquiles León e migrante. Escritora, pesquisadora e professora da Universidade Central da Venezuela (UCV), com formação e mestrado em Filosofia, realiza estudos de doutorado nos programas de História e de Filosofia na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Tem uma ampla trajetória na área editorial, sendo parte de editoras como Biblioteca Ayacucho, El Perro y la Rana e Amalivaca Editores. É autora do livro de ensaio filosófico *Entre libertad e historicidad. Sartre y el compromiso literario* (Caracas, 2008) e do livro de crônicas *Tránsitos cotidianos. Passagens de uma Venezuela convulsa* (Rio de Janeiro, 2020), tem publicado artigos de caráter teórico e filosófico em diversas revistas acadêmicas, e participado de várias antologias e revistas poéticas e literárias.

Contas nas redes:

e-mail: liviasartre@gmail.com

Insta: [@liviavargasgonzalez](https://www.instagram.com/liviavargasgonzalez)

Academia.edu:

<https://ufop.academia.edu/LiviaVargasGonz%C3%A1lez>

Sobre o prêmio

AMEOPOEMA

Quando eu era bem mais jovem do que sou hoje andava comigo um sonho: PUBLICAR UM LIVRO. Esse transe era perseguido dia após dia, noite após noite. Era tudo muito caro, interior é foda. E A tribo da gente nem sempre parece interessada no que estamos querendo dizer e com isso nem o apoio vem. Nunca entendi.

A busca por esse momento mágico de publicar um livro me acompanhou por anos, perpassava todos os momentos de minha vida. Ao notar a impossibilidade capitalista que me reduzia a um ser humano que deveria abandonar os sonhos e me tornar aquele homem cinza, sem força para desatar o nó que aperta a garganta nos cegando ao mundo colorido que os sonhos colore sempre com cores novas. Enfim... ao notar esse grande muro, resolvi atravessá-lo, da minha forma.

Juntei alguns poemas, fiz uns fanzines e sai pelo mundo a poetizar as coisas. Fui aprendendo a criar meus materiais sentado nas escadas das bibliotecas e centro culturais, lugares onde meu trabalho poderia ser distribuído. Estes lugares sempre foi repouso para uma turma de poetas e outros viventes que fazem das grandes cidades sua mortalha. Atravessamos o oceano dos tempos, aprendemos muita coisa, “desaprendemos” outras tantas, perdemos coisas, ganhamos cores, e, enfim chegamos nesse tempo estranho...

2021, um ano estranho que começou com a sensação de estarmos num ciclo dos infernos. Nossa política chafurda-se na lama, setores vitais de uma formação social digna são desmontados sob aplausos efusivos de um bando de mediócras que se julgam semideuses em um inferno astral infinito. A igreja cresce e se alastra feito praga nas pequenas vielas dos locais onde os sonhos se congelam. E o que mais me dói, a arte é largada de lado. A literatura é abandonada e as pessoas se esfriam para toda e qualquer mudança.

A lei Aldir Blanc deu um alento a milhares de produtores de arte no Brasil, deu um breve suspiro de alívio, pois quando a pandemia de Covid 19 se mostrou mortal e implacável, muitos tiveram sua fonte de renda totalmente prejudicada. Se tem uma coisa que fortalece a literatura é a Rua e quando esta se fecha aos delírios da sociedade, a poesia se encurta, entra em hibernação e o sono é pesado.

Mas, saibam esta lei foi quase derrubada por forças políticas que eu não poderei falar mal aqui, as mesmas forças me impedem de tal ato, está no contrato e o seguiremos. Não falaremos mal, ficou evidente ao assinar o contrato que não poderemos, nem mesmo falar que um ator demitido quase melou o processo todo... E muito menos falaremos que o nosso querido ministro da economia prefere bancar bancos a financiar artistas nacionais. Não vamos entrar nessas coisas chatas, pois para nós a arte ocupa maior espaço, bem maior que picuinhas políticas. Eles passarão, nós, NÃO!

Quando esse projeto foi aprovado na Lei Aldir Blanc eu fiquei feliz demais, já logo vislumbrei a possibilidade de fazer algo grande por essa forma de arte que invade todo meu existir. E mais ainda, fazer algo por minha tribo, por pessoas que assim como eu sempre sonharam em se publicar, mas, os

outros esquemas não facilitaram em nada.

A proposta é simples, dividir o que ganhamos com o povo, publicar poetas, estimular a poesia livre, estimular crianças e jovens ao mundo da leitura. E a nisso, este prêmio foi vitorioso, conseguimos chegar em locais distantes do grande centro mundial de nossa cidade, conseguimos publicar 2.500 livros autorais e ainda fizemos circular 5000 fanzines, com vários poetas locais, tudo de forma gratuita e muito linda.

E desde já conto com todo mundo para que no ano que vem (2022) o prêmio chegue ainda a mais pessoas, e possa assim dar poesia a nosso povo, fazer poesia com nosso povo.

Muito Obrigado.

Muito obrigado a todo mundo que colaborou de alguma forma para que o Coletivo AMEOPoEMA pudesse oferecer este prêmio. Não vamos citar nomes pois a lista é grande e corremos o risco de deixar sempre gente de fora. Então, a todo mundo o nosso MUITO OBRIGADO, e fiquemos vivos, atuantes e resistentes a esse mundo que tenta todas as manhãs nos cegar.

Com carinho e revolta

Rômulo Ferreira

Organizador do 1º Prêmio AMEOPoEMA de poesia.

Outubro de 2021

O 1º prêmio AMEOPPOEMA de Poesia é uma realização do Coletivo AMEOPPOEMA e contou com o apoio da Secretaria de Turismo e Cultura do Estado de Minas, do Governo de Minas, da Secretaria Especial de Cultura e Ministério do Turismo, por meio da aplicação de recursos da Lei Aldir Blanc direcionadas pela SECULT/MG através do Edital emergencial 2020, sendo parte integrante da programação do “Mostra AMEOPPOEMA 10 anos de poesia nas ruas”.

REALIZAÇÃO

AMEOPPOEMA

PATROCÍNIO



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO





Este livro foi composto sobre o couchê 300gr para a capa e
papel reciclado 75gr no miolo. Fontes diversas.
Impresso em dezembro de 2021 pela Editora AMEOPPOEMA.
com um total de 500 exemplares para premiação no
1º Prêmio AMEOPPOEMA de Poesia.

1º PRÊMIO

x xxxx xxx xxx xxx

LIVRO 04

AMEOPOEMA DE POESIA

Em espanhol, nós chamamos de *poemário* aquele conjunto de poemas que compõem um corpo orgânico de páginas num livro. Nesta mistura de línguas que hoje me atravessa, nós poderíamos dizer que um *poemário* é, também, um *poe-lar*, ou seja, o lar dos poemas.

Fantasmagorias da trama é, pois, um *poe-lar* que convoca ao encontro dos espectros.

Lavrado com os tijolos de poemas escritos em diferentes tempos, lugares e trânsitos, ele acolhe os fantasmas que acompanham meus andares e que, de improviso, emergem e se entremeiam entre as linhas, as páginas, as imagens. São piscadas caribenhas que irrompem a familiaridade lusitana com que os versos se escrevem e que recriam ritmos, cheiros, *despechos* e saudades.

Fantasmagorias da trama é a mistura, o cruzo e a encruzilhada poética em que se tecem fios de memórias e de afetos.

A Autora

B2m
studio gráfico

AMEOPOEMA

ISBN: 978-65-00-33812-6



9 786500 338126